

REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia

volume 12. número 1. 2009

REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia

volume 12. número 1. 2009

COORDENAÇÃO EDITORIAL

António Marques de Faria

TEXTOS

A. Nunes Pinto
Adriaan De Man
Ana Guilherme
Ana Leonor Mata
Ana Vieites
António Fialho
António M. Monge Soares
António Marques de Faria
Eurico de Sepúlveda
Fabian Reicherdt
Filipe J. C. Santos
Helena Rua
Inês T. E. Fonseca
Jean-Yves Blot
João Luís Cardoso
João Mata
Jorge António
Jorge Freire
Jorge Pedro
José d'Encarnação
José Ruivo
Leonor Rocha
Lídia Fernandes
Maia Langley
Maria de Fátima Araújo
Maria Helena Mendonça
Maria Luísa Carvalho
Paula F. Queiroz
Pedro Valério
Rita Gaspar
Vera Lúcia Alves
Zélia Rodrigues

DESIGN GRÁFICO

www.tvmdesigners.pt

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Europress, Lda.

DATA DE IMPRESSÃO

Julho de 2010

TIRAGEM

400 exemplares

Depósito Legal 125568/98

ISSN 0874-2782

Instituto de Gestão do Património
Arquitectónico e Arqueológico, I. P.
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 LISBOA

O IGESPAR, IP, respeita os originais dos textos que lhe são enviados pelos autores, não sendo, assim, responsável pelas opiniões expressas nos mesmos, bem como por eventuais plágios, cópias, ou quaisquer outros elementos que de alguma forma possam prejudicar terceiros.

Grafito identifica Alter do Chão como *Abelterium*

JORGE ANTÓNIO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO¹

R E S U M O

Num *imbrex* identificado no Verão de 2009, no decorrer dos trabalhos arqueológicos realizados em Alter do Chão, o operário *Vernaculus* foi anotando a quantidade de *imbrices* que ia fazendo. Teve, ainda, o cuidado de referir que se encontrava em *Abeltirium, ad Castorem*, sendo, pois, *Castor* o nome do proprietário da olaria.

R É S U M É

Sur un *imbrex* identifié, l'été de 2009, pendant les travaux archéologiques en cours à Alter do Chão (district de Portalegre), l'ouvrier *Vernaculus* a annoté la quantité d'*imbrices* de chaque série qu'il était en train de faire. Il a écrit aussi que tout cela se passait à *Abeltirium, ad Castorem*, c'est-à-dire, à l'atelier de *Castor*. Il s'agit de la première référence épigraphique sûre qui nous donne l'identification de l'actuelle Alter do Chão avec la *civitas* d'*Abelterium*, mentionnée dans l'*Itinéraire d'Antonin*.

No decorrer dos trabalhos arqueológicos levados a efeito, no Verão de 2009, na Estação Arqueológica de Alter do Chão, foi descoberta uma telha romana (*imbrex*) com grafito, que identifica Alter do Chão com *Abelterium*.

Este singular achado foi efectuado durante a remoção do derrube do telhado do corredor, localizado atrás do *triclinium* da Casa da Medusa. Após a descoberta do primeiro fragmento com grafito, todo o restante derrube foi levantado e visto com redobrada atenção por vários elementos da equipa. Contudo, dada a natureza do achado, procedeu-se à recolha sistemática de todo o derrube, sendo este lavado no Laboratório de Arqueologia, no intuito de confirmar a existência de mais fragmentos, nos quais pudesse constar o restante texto. Felizmente logrou-se encontrar a quase totalidade dos fragmentos (sete), onde o operário de serviço de um telheiro foi anotando as contagens que ia fazendo das telhas colocadas ao sol para secar antes de irem para o forno (Fig. 1).

Trata-se, por isso, de um documento de excepcional importância histórica, até porque houve a preocupação de explicitar que o telheiro, pertença de um *Castor*, se encontrava em *Abelterium* e o operário se chamava *Vernaculus*.

Dimensões: comprimento – 36 cm; largura – 25,5 cm; espessura – 1,9 cm.



Fig. 1 Grafito sobre *imbrex*, gravado por *Vernaculus*.

Leitura interpretada:

VIIRNA/CVLVS / FECIT / IMBRICIIS / ⁵ AB[II]LTIRIO / AD CASTOREM / (*duo milia*) / (*mille*) / DCCCCL (*quinquaginta et nongenti*) / ¹⁰ DCCC (*octingenti*)

Vernáculo fez, em Abeltério, à do Castor, tijolos 2000, 1000, 850, 800.

Feito, seguramente, enquanto a pasta ainda estava mole, na altura em que, no telheiro, se estendiam as telhas ao sol para secar, o grafito obedece, do ponto de vista paleográfico, ao que é corrente nestas circunstâncias e em todas as épocas: os caracteres são cursivos, sem qualquer preocupação estética, pois o que interessa é a útil informação rápida acerca do que se está a fazer. Assim, os E são grafados com dois II, dado que as barras horizontais na pasta mole acabam por ser mais difíceis de traçar; aliás, é também por isso que as barras das letras se apresentam oblíquas, não horizontais, e, por vezes, mais compridas do que o habitual (caso do L, nomeadamente na l. 5) ou, ainda, mais breves, como se exemplifica no A; e nem sempre as hastes tocam umas nas outras a formar vértice ou, então, como acontece com o V, assume a forma de U, por ser gravado duma só vez. A cursividade é particularmente explícita no traçado do F. Não significa isso que o oleiro se

não tenha aprimorado, aqui e além, no traçado das letras, quer ‘sublinhando’ o vértice inferior com um traço (no R, no I, no A...) quer no elegante S final do seu nome, por exemplo.

Logrou-se recuperar a maior parte dos fragmentos — o que merece um louvor ao arqueólogo de campo na ocasião — de modo que não oferecem quaisquer dúvidas a leitura e a interpretação da totalidade do texto. De facto, também a l. 5, apesar da fractura, se nos afigura garantida: há a barra esquerda do A; o E deverá estar grafado com dois pequenos II como sucede na palavra IMBRICIIS. A hesitação poderia existir na linha seguinte: AD deve entender-se como preposição, que regerá um acusativo. Ou seja, se *Vernaculus* quis explicar que a sua actividade se exercia em *Abelterium*, não lhe bastou identificar o nome do aglomerado urbano (*civitas?*), quis também assinalar qual a oficina para que trabalhava: *ad* deverá entender-se, se nos é permitido o uso de uma expressão popular, “à do...”. Haverá, pois, o nome do proprietário da olaria: CASTOREM, resultando assaz curiosa a forma como, sendo a parte final do seu texto principal (digamos assim), faz uma espécie de anagrama ou rodriguinho (passe a expressão), com um E bem lançado vindo cá de trás na parte superior e gatafunhando rapidamente o M.

Seguem-se — e dá a impressão que se trata mesmo de gravação feita num segundo momento, já no ‘estendal’, mais em cima do joelho, com um pedaço de cana cortada (é claro o sulco duplo) — os números referentes às contagens que estão a ser feitas no momento em que se torna necessário saber quantos exemplares se encontram a secar: numa primeira linha, escreve-se o sinal indicativo de mil por duas vezes² e, seguramente, em dois momentos distintos, dada a sua posição relativa; na linha seguinte, apenas mil (e, aqui, já igual à forma 8 de Battle); depois, 950, com o D cortado por uma barra (como que a simular abreviatura), os quatro C muito cursivos e o L bem alto; ligeiramente mais abaixo e já mais descuidada a gravação do último número visível, com o D mal enjorcado (aberto em baixo) e os CCC mais pequenos: 800, presumivelmente — porque o *imbrex* está partido aí e não sabemos se existiria mais alguma letra.

A antroponímia patente é sugestiva. De facto, *Vernaculus* tem o significado etimológico, latino, de “nativo”, mas daí não se podem retirar ilações quanto à sua categoria social³, ainda que a presença de *Caesia Vernacula, liberta*, em Évora (*IRCP* 389), e de uma *serva* em dedicatória a Endovélico (Alandroal, *IRCP* 515) nos possam inclinar para lhe atribuir uma condição de escravo, o que até nem seria anormal no caso de um trabalhador de olaria. *Castor* — nome que, na Lusitânia, só se identificou em Faro (*IRCP* 17), fornecendo Abascal (1994, p. 319) mais dois testemunhos na Península: um em Huerta del Rey e outro em Lebrija — é, ao invés, antropónimo etimologicamente grego e, inclusive, devido à sua eventual relação cultural com a mitologia⁴, não nos repugnaria que identificasse aqui alguém de categoria servil, ainda que proprietário de um telheiro.

Duas, porém, são as informações relevantes que *Vernaculus* nos deixou.

Prende-se uma com as quantidades de *imbrices* que poderia comportar um estendal, dado que expressamente ainda não tivéramos, ainda que o houvésemos sugerido já aquando do estudo do tijolo de *Eburobritium*, onde se escreveu VSQVE HIC CCC, “até aqui 300”, mnemónica também de um trabalhador de olaria (Encarnação & Moreira, 2005, p. 134; Encarnação, 2009, pp. 18–20) relacionável com os números grafados em tijolos de Conímbriga, a mostrar preocupações de ‘contabilidade’ e de controlo da produção. Poder-se-á ainda argumentar que, se se identifica uma olaria, é porque outras haverá no local — e esse constitui, sem dúvida, um raciocínio lógico: quantos oleiros não temos nós, hoje, em S. Pedro do Corval, por exemplo?

Contudo, a informação maior é a de que nos encontramos em... *Abelterium*! O I está suficientemente claro para que se não suponha nem um lapso nem a hipótese de haver outro ao lado para dar o que as fontes indicam como *Abelterium*. A identificação, portanto, de Alter do Chão como *Abelterium* no tempo dos Romanos teve, aqui e agora, a confirmação cabal, sendo despicienda,

como se sabe, a alternância e/i na linguagem oral. Efectivamente, já André de Resende (1593, fol. 255) identificava *Elteri* com Alter do Chão. Jorge Alarcão (1974, p. 74), depois de ter hesitado na identificação de *Abelterium* com Alter do Chão, devido à escassez dos vestígios arqueológicos, na terceira edição desse mesmo livro (Alarcão, 1983, p. 81) escreve: “*Abelterium* ficava perto de Alter do Chão ou coincidia mesmo com esta localidade”; em 1988, vem “*Abelterium* (Alter do Chão)” (Alarcão, 1988, p. 51) sem mais; e, em 1990, afirma categoricamente “Alter do Chão corresponde à antiga *Abelterium*” (Alarcão, 1990, p. 363) e lança mesmo a hipótese de ter existido “uma *civitas* com sede em Alter do Chão” (Alarcão, 1990, p. 364). É, pois, bem provável que, hoje, “os achados arqueológicos feitos na vila” já não sejam “insuficientes para demonstrar a capitalidade do povoado” (Alarcão, 1990, p. 363) — o que vem, por conseguinte, reforçar a viabilidade da sua hipótese.

Uma derradeira conclusão importa tirar, em tom de recomendação aos arqueólogos: é imprescindível uma cada vez mais cuidada atenção aos materiais cerâmicos, por mais banais que pareçam, por mais fragmentados que estejam, pois em singelo grafito pode estar a solução para uma interessante questão histórica.

NOTAS

- ¹ Este trabalho integra-se no projecto de investigação do grupo *Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages*, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D n.º 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).
- ² Trata-se aqui de uma forma mista daquelas que Battle (1946, p. 23, fig. 28) identifica com os n.ºs 6 e 8: são triângulos unidos em jeito de X comprido, mas os vértices unem-se por um arco.
- ³ Curiosamente, é um dos antropónimos pouco comuns na onomástica do Império Romano, sendo, porém, a Península Ibérica e, designadamente, a Lusitânia uma das zonas em que mais vezes ocorre. Iiro Kajanto (1965, p. 312) salienta o seu maior uso por parte das mulheres, indicando que, em 10 ocorrências no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 5 são de Hispânia. Juan Manuel Abascal (1994, pp. 542-543) dá conta de 7 mulheres com esse nome e 9 homens. Em Navarro & Ramírez (2003, pp. 338-399, mapa 322), registam-se 15 testemunhos.
- ⁴ Castor e Pólux, os celebrados Dióscuros... Não é invulgar que os senhores dêem a seus escravos nomes ligados a divindades ou a heróis da mitologia: *Hermes, Nympha...*

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALARCÃO, Jorge de (1974²) - *Portugal romano*. 2.ª ed. (1973¹). Lisboa: Verbo (Col. “Historia Mundi”; 33).
- ALARCÃO, Jorge de (1983³) - *Portugal romano*. 3.ª ed. (1973¹). Lisboa: Verbo (Col. “Historia Mundi”; 33).
- ALARCÃO, Jorge de (1990) - O reordenamento territorial. In ALARCÃO, Jorge de, ed. - *Nova História de Portugal, I: Portugal das origens à romanização*. Lisboa: Presença, pp. 352-382.
- BATTLE HUGUET, Pedro (1946) - *Epigrafia latina*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ENCARNAÇÃO, José d’; MOREIRA, José Beza (2005) - Epigrafia de *Eburobrittium*. In *Actas do Congresso A presença romana na Região Oeste*. Bombarral: Câmara Municipal, pp. 131-134.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (2009) - A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora. In ANGELI BERTINELLI, Maria Gabriella; DONATI, Angela, eds. - *Opinione pubblica e forme di comunicazione a Roma: il linguaggio dell’epigrafia: atti del Colloquio AIEGL - Borghesi 2007*. Faenza: Lega, pp. 18-20 < <http://hdl.handle.net/10316/11470> >.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, José d’ (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- KAJANTO, Iiro (1965) - *The Latin cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, eds. (2003) - *Atlas antropológico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.
- RESENDE, André de (1593) - *De antiquitatibus Lusitaniae*. Évora: Martinus Burgensis.